

Estudo prova que experiências adicionais resultam em contribuições para a vida pessoal e acadêmica

Tese mostra que atividade extracurricular é importante para formação de universitários

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

As atividades não-obrigatórias, aquelas que não compõem a grade curricular de um curso, como a participação em empresas juniores e em projetos de iniciação científica, são importantes para o desenvolvimento e a formação global do universitário. A conclusão faz parte da pesquisa realizada para a dissertação de mestrado da psicóloga Camila Alves Fior, apresentada à Faculdade de Educação (FE) da Unicamp. Em seu trabalho, ela entrevistou 16 estudantes matriculados há no mínimo cinco semestres em cursos de graduação da própria Universidade, nas quatro grandes áreas do conhecimento.

Pesquisadora entrevistou 16 estudantes

Todos os alunos destacaram que essas experiências adicionais trouxeram contribuições tanto para a vida pessoal quanto acadêmica. “Os resultados obtidos confirmam dados da literatura, segundo os quais as experiências educacionais ultrapassam os limites da sala de aula e das exigências curriculares obrigatórias”, afirma Camila.

O objetivo da pesquisa, conforme a psicóloga, foi investigar as relações estabelecidas pelos estudantes entre o envolvimento em atividades não-obrigatórias e as mudanças pessoais percebidas. Esse tipo de informação, conforme Camila, é bastante escassa no Brasil. Para os alunos da Unicamp, as atividades obrigatórias e as não-obrigatórias estão de algum modo integradas. A primeira, obviamente, concorre para a melhor formação profissional. Já a segunda constitui um diferencial nessa formação, pois cria laços afetivos e amplia o compromisso com a futura carreira.

Entre as experiências não-obrigatórias assinaladas pelos estudantes, aparecem como as mais importantes

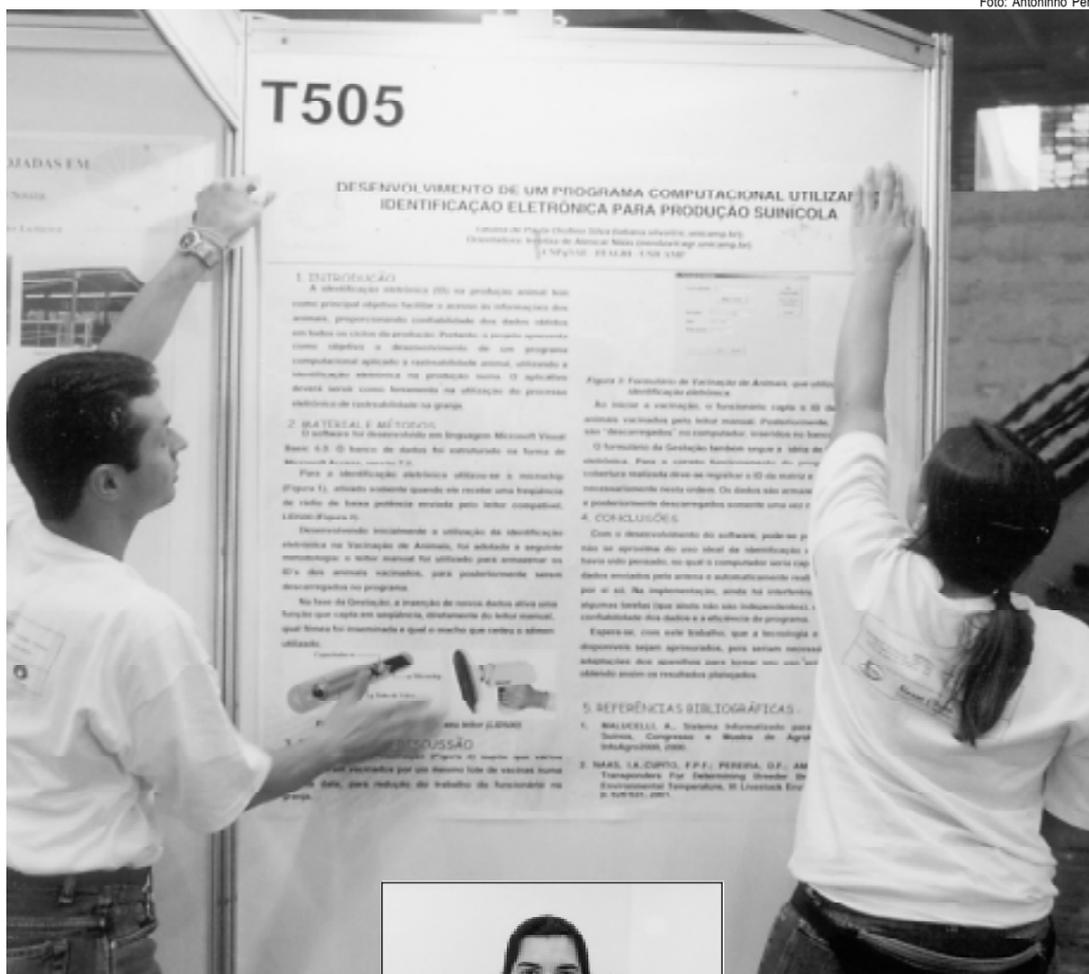


Foto: Antoninho Perri

Trabalho de estudantes no Congresso de Iniciação Científica da Unicamp: atividade não-obrigatória é diferencial

a participação em projetos de iniciação científica e em empresas juniores, o contato com os próprios pares e com os professores, viagens, atividades de liderança etc. Todas elas, de acordo com os entrevistados, proporcionaram mudanças pessoais positivas. A



Foto: Nélido Cantanti

A psicóloga Camila Alves Fior: experiências ultrapassam os limites da sala de aula

relação com os colegas, por exemplo, foi citada como um elemento importante para alterações em relação ao humanitarismo, competência interpessoal, habilidades acadêmicas, conhecimentos e complexidade cognitiva. O contato com os docentes, por

sua vez, contribuiu para mudanças nos três últimos domínios.

Já as influências institucionais, as atividades de liderança, as acadêmicas e as de trabalho foram associadas pelos estudantes a modificações na complexidade cognitiva, sendo que as três últimas também foram relacionadas a mudanças na competência interpessoal. “As atividades acadêmicas e de trabalho também possibilitaram, segundo os entrevistados, alterações na competência prática, sendo que esta última ainda foi associada a mudanças no humanitarismo”, afirma Camila.

Na avaliação da psicóloga, o resultado do estudo concorre para a tese segundo a qual a formação do universitário extrapola os limites da sala de aula, o que significa considerar a vivência dele de modo mais amplo, ainda que isso não seja exigido para a integralização do curso. “Mas essa constatação não implica em sugerir que as atividades não-obrigatórias substituam as obrigatórias. Trata-se, antes de tudo, de uma contribuição para uma reflexão mais apurada sobre a questão. A resposta talvez esteja na definição de currículos mais flexíveis que favoreçam a integração de ambas as experiências, o que poderia contribuir para a formação mais ampla do universitário”, analisa Camila.

A psicóloga adverte, porém, que a sua pesquisa teve um caráter estritamente qualitativo. Ela acredita ser necessário o aprofundamento da discussão. Isso poderia ser feito por meio de estudos que avaliem, por exemplo, os eventuais impactos negativos das atividades não-obrigatórias. “É preciso saber, entre outras coisas, se um estudante que se dedica muito a essas atividades tem um rendimento menor do que aquele que não se dedica tanto”, explica. A dissertação foi orientada pela professora Elizabeth Nogueira Gomes da Silva Mercuri, da FE.

Estudo conclui que afinidade com texto induz ao hábito da leitura

ANTONIO ROBERTO FAVA
fava@unicamp.br

A professora Fernanda Torresan Marcelino investigou durante três anos a construção de uma idéia de leitura no meio escolar: a do prazer de ler. Concluiu que todo processo de leitura começa com o prazer que a criança desfruta em um texto, que possivelmente poderá converter-se em hábito. “Melhor seria dizer paixão pela leitura”, ressalva a pesquisadora.

Porém, segundo a professora, o hábito não pode ser confundido com práticas mecânicas do cotidiano, que invariavelmente estão associadas a componentes negativos. “O prazer, algumas vezes, requer atenção, discernimento e reflexão. Outras vezes, pode simplesmente ser fruição, não exigir esforço. Nem

por isso uma prática seria melhor que a outra”, diz Fernanda, para quem a incumbência dos pais e professores é a de orientar e melhorar o contato da criança com o mundo dos livros.

A professora ressalta que a pesquisa não teve como foco a questão da indicação de autores ou obras, ou mesmo a postura do professor diante da leitura na escola hoje, mas sim o propósito de investigar as condições históricas de fortalecimento do discurso da leitura prazerosa no meio escolar.

Resistência – Fernanda Marcelino é autora da dissertação de mestrado – *O ler por prazer: a construção*



Foto: Nélido Cantanti

A professora Fernanda Torresan Marcelino: prazer pode ser convertido em hábito

de uma forma de entendimento da leitura nos anos 80, apresentada recentemente junto à Faculdade de Educação (FE), sob orientação da professora Lílian Lopes Martim da Silva.

De acordo com ela, em 1984, a revista *Leitura, Teoria e Prática* publicou textos de dois pesquisadores, Marisa Lajolo e João Wanderley Geraldi, ambos do Instituto de Estudos de Linguagem (IEL) da Unicamp, defendendo idéias que enfatizavam

o prazer da leitura nos estabelecimentos de ensino. “Pregavam ainda a importância da diversidade de livros e autores, o conceito de que se deve ter paixão pelos livros e a respeitar a escolha do aluno”, explica.

A pesquisadora, que é professora da Português no Colégio Progresso, em Campinas, diz que sua preocupação com questões que envolvem a leitura vem desde os anos 80,

quando começou a perceber que nas escolas particulares e de ensino fundamental havia certa resistência por parte dos alunos que tinham de ler livros indicados pelos professores. “Eu indicava um livro por mês e eles sugeriam outros, pois julgavam que deveriam se ater, obrigatoriamente, a obras que lhes provocassem certo prazer. Os alunos queriam ler textos curtos, que tinham como característica princi-

pal a facilidade da leitura e da linguagem. Mas eu me perguntava como seria possível existir um livro que contivesse em si mesmo o prazer. Esse não seria dado pelo exercício da leitura?”

Antes de analisar os textos escritos, Fernanda Torresan realizou oito entrevistas – com pais de crianças, alunos, professores e bibliotecários –, com o propósito de se saber se havia de fato essa percepção do que era o prazer pela leitura na escola, o que era o hábito de leitura e se havia alguma diferença entre ambos os conceitos. “O que pude perceber, nas entrevistas com os pais, é que entre eles havia aqueles que, embora não tivessem o hábito de ler, estimulavam os filhos a tal prática, gerada pelo simples prazer, sem qualquer imposição. Para eles, o hábito da leitura seria uma consequência do prazer.”

Os filhos não falavam em hábito de leitura, não usavam tal expressão nem em casa nem na escola. “Eles preferiam simplesmente dizer que a leitura realizada na escola deveria ser prazerosa, mesmo que os livros fossem indicados pela professora. As bibliotecárias já faziam uma diferenciação entre hábito e prazer de ler”.

Para realizar seu trabalho de pesquisa, Fernanda leu cerca de 300 documentos dos anos 80, entre livros, volumes da revista *Leitura, Teoria e Prática*, resumos e teses sobre leitura, além de todo material de uma campanha de promoção de leitura veiculada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, com apoio da Fundação Hoechst e da Fundação Roberto Marinho – A Ciranda de Livros.